

AMAN (1811-2011): 200 ANOS FORMANDO O OFICIAL DO EXÉRCITO BRASILEIRO

Maj QCO Armando Martins Filho¹

Instruir um exército é tarefa muito mais vasta do que ensinar-lhe novos processos de combate. [...] é preciso penetrar-lhe o cerne para dar-lhe uma mentalidade que corresponda aos tempos que correm.

Gen. Francisco de Paula Cidade



Selo comemorativo do 200 anos da AMAN

RESUMO: Este artigo procura resgatar em breves linhas a evolução histórica da Academia Militar das Agulhas Negras – AMAN, que este ano completa 200 anos de existência e cuja origem remonta à Casa do Trem, criada em 1792, com o objetivo de formar os oficiais de infantaria, cavalaria e engenharia, no Brasil colônia, sendo considerada a pioneira no ensino acadêmico militar nas Américas. Em 23 de abril de 1811, foi instalada na Casa do Trem, a Academia Real Militar, criada pelo Príncipe Regente D. João, destinada à formação dos futuros oficiais do Brasil e demais partes do Império Português. Essa Academia, em retrospectiva, é a célula mater da atual AMAN, cuja missão continua sendo a formação dos oficiais da Força Terrestre, dentro do espírito de defesa da Nação e dos princípios democráticos, através de uma mentalidade profissional forjada nos valores e tradições do Exército Brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: AMAN, Exército Brasileiro, Oficiais

¹ Professor de História do Colégio Militar de Curitiba; Mestre em Integração latino Americana - UFSM-RS; Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná e da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

ABSTRACT: This article aims to summarize in few lines the historic evolution of the Academia Militar das Agulhas Negras – AMAN, that completes two hundred years this year which origin reassembles the Train House created in 1792. Its goal was to form up infantry, cavalry, artillery and engineering officers, during colonial Brazil, that was considered the military academic teaching pioneer in Americas. On April 23rd, 1811, the Royal Military Academy was installed in the Train House created by Prince-Regent D. João, designated to form the future Brazilian officers and other parts from the Portuguese empire. This academy is the cellula mater of the current AMAN, which mission continues to be the formation of the officers of the Army, in the defense spirit of the Nation and democratic principles, through its professional mentality built in the traditions and values of the Brazilian Army.

KEYWORDS: AMAN, Exército Brasileiro, Oficiais

INTRODUÇÃO

O descobrimento do Brasil e a necessidade de preservá-lo da cobiça dos concorrentes levou Portugal a delegar aos donatários amplos poderes civis e militares, ou seja, eles eram a um só tempo, governador e capitão.

Com as disposições da Carta de Doação da Capitania de Pernambuco a Duarte Coelho, tem início a legislação militar, que data de 1534. As disposições militares são ampliadas pelo Regimento Régio de 1548:

...Regimento do Governador Geral do Brasil, baixado em 17 de dezembro de 1548, e destinado a Tomé de Souza. Esse Regimento não é apenas uma carta política de extraordinária importância, é também uma diretriz militar. (SODRÉ, 1965:19)

Durante o período colonial, desenvolve-se toda uma estrutura militar visando manter a posse das terras americanas, introduzindo elementos humanos e organização com capacidade de neutralizar qualquer ameaça externa. Para efetivar essa ação, o rei de Portugal, D. Pedro II mandou

...funcionar no Rio de Janeiro, no Forte de S. Tiago, um curso de Fortificação, em 1699, com vistas à necessidade de preparar quadros competentes para construir os forrtes à beira-mar, cuja finalidade seria a de repelir as incursões de piratas estrangeiros que infestavam as costas brasileiras. (SENA, 2000:151)

O Conde de Linhares fundou, em 1763, uma “Aula Militar” na Casa do Trem, destinada a instruir os jovens brasileiros que serviam nos Regimentos de Linha e na Milícia da capital da colônia no Rio de Janeiro, culminando com a criação em 1792, no Rio de Janeiro, da Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, sucedida pela Academia Real Militar, em 1811, sendo esta considerada a raiz histórica da atual Academia Militar das Agulhas Negras.

Da Casa do Trem à Escola Militar do Realengo

Em 1790, a rainha de Portugal, D. Maria I, instituiu em Lisboa a Academia Real de Fortificação, Artilharia e Desenho. Em 1792, nos mesmo moldes, autorizou a criação, no Rio de Janeiro, da Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, instalada na Casa do Trem (1792-1810), cuja fundação ocorreu no dia 17 de dezembro daquele ano.

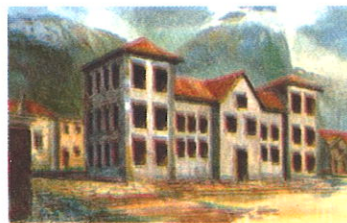
A Real Academia Militar, até então destinada a formar para a Colônia oficiais de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenheiros militares e civis, consagrou-se historicamente como Berço do Ensino Militar Acadêmico nas Américas e do Ensino Superior Civil no Brasil, pois a Academia Militar de West Point só foi criada pelo Congresso dos EUA em 1802, 10 anos depois de nossa Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho. (BENTO, 2010, p. 18)

Com a vinda da Corte, em 1808, o Brasil passou a ser a sede do Império português, na época chefiado efetivamente pelo Príncipe-regente D. João. Essa situação causou grandes transformações na vida brasileira, culminando com a nossa independência em 1822. O Brasil vivenciou uma situação *sui generis* – única colônia que se tornou metrópole.

Como a cidade do Rio de Janeiro passou a ser a sede de todo o Império Português, D. João teve que adaptá-la para as suas novas funções administrativas. Entre as várias medidas tomadas durante o processo de organização do Estado português no Brasil, temos a criação do Banco do Brasil, da Casa da Moeda, da Imprensa Régia, da Biblioteca Real, das Escolas Médicas, do jardim Botânico, do Arsenal de Marinha, da Fábrica de Pólvora e da Casa do Trem. Estas últimas se constituirão na origem da organização militar brasileira.

Como observou Nelson Werneck Sodré,

O advento da corte do príncipe D. João, que assinala a fase de transição para a autonomia política e que a prepara, no quadro da derrocada do regime de clausura e de monopólio, com a liberdade comercial, marca o aparecimento de medidas que constituem a base de uma organização militar estável e permanente. (1965, p. 57)



Casa do Trem (1792-1810)



Casa do Trem (1792-1810)

Dentro desse contexto de organização administrativa, em 4 de dezembro de 1810, D. João criou por Carta Régia a Academia Real Militar, a qual, em 23 de abril de 1811 foi instalada na Casa do Trem, onde hoje se encontra o Museu Histórico Nacional. Houve, portanto, um aproveitamento da *estrutura de ensino da real Academia que ali funcionara a partir de 1792* (BENTO, 2010, p. 19). Teve como primeiro comandante, até 1814, o Tenente General Carlos Napion, patrono do Serviço de Material Bélico.

Em 1812, a Academia foi transferida para o Largo Real da Sé Nova (atual Largo de São Francisco), onde funcionou como Academia Militar da Corte no período de 1832 a 1838 e, como Escola Militar, de 1839 a 1858.

O ensino militar no Brasil se inicia pouco tempo depois da transferência da Corte. É verdade que nos séculos 17 e 18 funcionaram aulas de fortificações ou de preparo de militares de postos inferiores. Ensino sistemático, porém, só aparece em 1810. Seu criador é o Conde de Linhares, D. Rodrigo de Souza Coutinho, pela Carta de lei de dezembro de 1810. Por essa longa e minuciosa Carta de Lei é criada a Academia Real Militar, que não é apenas uma instituição para a formação de oficiais; tem finalidade mais ampla de cultivo das ciência exatas e naturais. (MEDEIROS, 1992, p. 13)

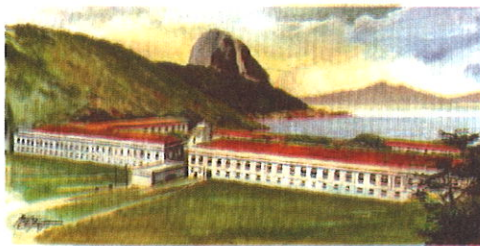
No Largo de São Francisco foram formados os oficiais do Exército Brasileiro (1812-1858), recebendo a Academia as seguinte denominações: Academia Rel Militar (1812-1831); Academia Imperial Militar – Exército e Marinha (1832);

Academia Militar da Corte (1832-1838) e Escola Militar (1839-1858). Entre os anos de 1859 e 1874, *como Escola Central do Exército, complementou a formação de oficiais da Praia Vermelha* (BENTO, 2010, p. 29).

A Escola Central do Exército passou a formar também os engenheiros civis até 1874, quando o curso foi transferido para a Escola Politécnica (considerada o berço da Engenharia Brasileira) e, posteriormente, para a Escola Nacional de Engenharia e Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Com a independência do Brasil, a Academia Real Militar teve o seu nome alterado para Academia Militar da Corte (1822-1832). Em 1839, recebeu o nome de Escola Militar, apresentando uma novidade: com a reformulação do ensino, foi introduzido o título de Doutor Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas, ao qual fariam jus os alunos que realizassem o curso completo.

Em 1858, a Escola Militar recebeu a denominação de Escola Central, permanecendo no Largo de São Francisco. A Escola de Aplicações, por sua vez, teve o nome alterado para Escola Militar e de Aplicações, sendo instalada na Praia Vermelha (1855-1904).



Escola Militar da Praia Vermelha (1855-1904)

Embora inicialmente voltada para a formação profissional dos oficiais, a Escola Militar da Praia Vermelha teve papel de destaque na campanha abolicionista e na proclamação da República, com a atuação dos seus professores e alunos.

Sua primeira fase (1855-73) foi essencialmente profissional-militar e, de 1872 a 1904, bacharelesca, em função do Regulamento de Ensino de 1874, potencializado pelo Regulamento de Ensino de 1890, baixado pelo Ministro da Guerra Ten Cel Prof. Benjamin Constant, que aprofundou a separação dos oficiais bacharéis dos profissionais militares, estes tratados de tarimbeiros. (BENTO, 2010, p. 33)

No bojo da Revolta da Vacina, em 1904, ocorreu o fechamento da Escola Militar da Praia Vermelha e, em 1905, a adoção de um novo Regulamento de Ensino que, entre outras medidas, extinguiu o título de Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas e substituiu o posto de Alferes pelo de Aspirante a Oficial. Essa reforma no regulamento de ensino é considerada o *ponto de inflexão do bacharelismo para o profissionalismo militar* (BENTO, 2010, p. 33). Nesse contexto, foram criadas a Escola de Guerra de Porto Alegre (1906-1911), a Escola de Aplicações de Infantaria e Cavalaria, em Rio Pardo (1859-1911), a Escola de Engenharia e Artilharia, em Realengo, no Rio de Janeiro.

Com relação à Escola de Guerra de Porto Alegre, observa-se que:

A história da Escola Militar de Porto Alegre pode ser dividida em três fases: a primeira, de 1851 a 1866; a segunda, de 1874 a 1889; a terceira, de 1890 a 1911. Uma quarta fase poderia ser acrescida, se considerarmos como continuador da Escola o atual Colégio Militar, criado em 1912 e ainda no desempenho de seu papel de notória instituição educacional. Em todas as fases encontram-se acontecimentos de grande significação para a vida militar, política e cultural do Rio Grande do Sul (MEDEIROS, 1992, p. 14)

Após o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o ensino militar no Brasil foi unificado na Escola Militar do Realengo, onde se formaram chefes militares que se projetaram na vida nacional. O retorno da formação de oficiais do Exército, no Rio de Janeiro, ocorreu na presidência do Marechal Hermes da Fonseca (1914-1918).

Sucedendo a Escola Militar da Praia Vermelha, a Escola Militar do Realengo, abandonando o pragmatismo anterior, imprimiu um conceito mais prático e objetivo na formação dos Oficiais do Exército, sem desprezar o rigorismo necessário à preparação dos futuros chefes militares. (PEDROSO, 1969, p. 23)



Escola Militar do Realengo (1912-1944)

Em 15 de janeiro de 1931, assumiu o comando da Escola Militar do Realengo, aos 42 anos, o Coronel de Cavalaria José Pessoa Cavalcanti, soldado condecorado na França durante a Primeira Guerra Mundial, sendo um dos únicos combatentes brasileiros naquele fatídico conflito.

O novo comandante vinha com idéias novas: transformar o aluno da Escola em Cadete, implantar a disciplina consciente, transformar a Escola Militar em Academia Militar das Agulhas Negras e construir um quartel para a Escola de Formação de oficiais à altura do maior país da América do Sul. (PEDROSO, 1969, p. 74)

Na sua Ordem do Dia de assunção de comando, o Coronel José Pessoa, que logo seria promovido a general, expressou a sua convicção de que obteria os meios necessários para tal, referindo-se a Cadetes e não mais a Alunos, como até então era o costume; concitava: vivamos, a partir de hoje, a mentalidade da Nova Escola Militar que vamos construir. Estava lançada a semente do que viria a ser a Academia Militar das Agulhas Negras.

A educação era a chave da disciplina e do desempenho dos oficiais. Por toda a década de 1920, o Exército continuou a procurar a fórmula para produzir o oficial ideal. O viveiro da oficialidade era, naturalmente, a Escola Militar do Realengo, situada a cerca de 24 quilômetros da cidade do Rio de Janeiro, no ramal de Santa Cruz da Estrada de Ferro Central do Brasil. (MAcCANN, 2007, p. 314)

As propostas do General José Pessoa encontravam-se alinhadas com essas ideias, as quais resultaram numa série de realizações durante a sua passagem pelo comando da Escola Militar do Realengo (1931-34). Entre as realizações, destacamos: os *alunos* voltaram a ser denominados cadetes; renovação do material da Escola; reforma e ampliação das instalações da Escola; criação do Corpo de Cadetes; adoção do espadim do cadete (réplica da Espada do Duque de Caxias), o qual passou a simbolizar o elo entre o Exército do passado e o Exército do futuro; introdução dos uniformes históricos para os cadetes; adoção de um novo Regulamento de Ensino; reforma da fachada da Escola, do rancho, da biblioteca e do cassino dos cadetes.

Entretanto, seu grande objetivo era tirar a Escola do clima tumultuado da capital, transferido-a para um local mais adequado para a formação dos jovens oficiais.

Da Escola Militar do Realengo à Academia Militar das Agulhas Negras

Em 1931, o General José Pessoa, que presidia a Comissão Executiva para a Construção da Nova Academia Militar, saiu à procura de um local espaçoso e com boa localização geoestratégica para que fosse construída a nova Escola Militar.



Marechal José Pessoa – idealizador da AMAN.



Distintivo da AMAN.

Em 1931, depois de examinar possíveis locais para as novas instalações no Rio, São Paulo e Minas Gerais, ele escolheu um lugar defronte à cidade de Resende, no Estado do Rio de Janeiro, próximo à fronteira com São Paulo. O belo trecho era dominado pelas majestosas montanhas da serra de Itatiaia, as mais altas do Brasil, com o destacado pico das Agulhas Negras salientando-se no horizonte. (MACCANN, 2007, p. 440)

Ao passar o comando da escola Militar do Realengo, em 1934, o General José Pessoa a deixou com um novo espírito, além de lançar as bases de uma nova escola que viria a se tornar realidade em Resende, e cujas plantas e projetos eram de autoria do arquiteto Raul Penna Firme, que havia vencido a concorrência e seria encarregado de construí-la.



Foto: Academia Militar das Agulhas Negras – AMAN

A escolha de Resende para a construção da nova Escola Militar foi aprovada pelo Presidente Getúlio Vargas, que visitou o local pela primeira vez de surpresa, em 11 de outubro de 1931, acompanhado do Ministro da Guerra, General Leitão de Castro, do Ministro da Viação, José Américo de Almeida, e do General José Pessoa.

A decisão estratégica de afastar os cadetes do caldeirão político em constante ebulição na antiga capital federal pertenceu ao presidente getúlio Vargas, assessorado entusiasticamente pelo Ministro da Guerra Eurico Dutra, ambos preocupados em construir obra definitiva – que extrapolou os recursos financeiros da Pasta da Guerra – capaz de formar oficiais ao nível dos existentes nos Exércitos dos países desenvolvidos. Para isso, valeram-se do dinamismo, da fé, do descortino e do profissionalismo, do talento e da perseverança do General José Pessoa, reconhecido unanimemente como o idealizador da AMAN. (SENA, 2000:153)

Como o custo era elevado – em torno de 600 mil contos de réis – e o país vivia os efeitos da crise econômica de 1929, o início das obras enfrentou dificuldades de ordem financeira. Com a eclosão da Revolução Constitucionalista de 1932, surgiram também problemas de ordem política, além de outros de ordem técnica, como as dificuldades na terraplanagem do terreno.

A situação pareceu melhorar em meados de 1933, chegando o ministro da Fazenda a informar que verbas anuais seriam destinadas para a construção da escola, o que animou ao General José Pessoa a marcar o lançamento da pedra fundamental para o dia 28 de outubro, coroando, com essa cerimônia, o final das manobras de fim de ano da escola Militar do Realengo.

Na última hora, a cerimônia foi cancelada pelo Ministro da Guerra, que informou, por telegrama, a inexistência de ato oficial sobre a futura Escola Militar. A construção ficou paralisada até que, decidida a escolha de Resende, foi criada a Comissão Construtora da Escola Militar, em 4 de maio de 1938, chefiada pelo Tenente Coronel Waldomiro Pereira da Cunha.

O General José Pessoa, de saudosa memória, deixou o brilhante comando da Escola Militar do Realengo, e o projeto da nova Escola passou para o Arquivo e lá ficou durante anos sem solução de continuidade, por falta de verba, ou quiçá, de iniciativa. (BENTO, 2010, p. 80)

A obra foi oficialmente iniciada em 29 de junho de 1938, quando o Presidente Getúlio Vargas lançou a pedra fundamental e foi batida a primeira estaca da construção da nova Escola Militar. Em 1940, a Comissão Especial de Obras de Piquete de Resende, chefiada pelo General de Brigada Luiz de Sá Affonseca, substituiu a comissão anterior.

Os escritórios administrativos e técnicos foram sediados em Resende, no próprio canteiro de obras. As chefias de serviço couberam aos órgãos de engenharia do Ministério da Guerra: Serviço Geográfico do Exército, oficiais da arma de engenharia, olaria e pedreiras próprias. Algumas firmas empreiteiras incumbiram-se dos trabalhos de construção, bem fiscalizados e executados. A prefeitura da cidade de Resende andou sempre ombro a ombro com os responsáveis pela construção e a Diretoria de Estradas de Rodagem desviou para a frente da Escola o traçado da Rodovia Rio-São Paulo (BENTO, 2010, p. 81).

O projeto original da nova escola, contudo, não foi executado na íntegra, uma vez que ficaram de fora a construção da capela, do edifício do comando, da via férrea que deveria alcançar o seu interior até o local onde hoje se encontra a Prefeitura Militar e a Editora da Academia, e o Pantheon de Caxias.

A inauguração da Escola Militar de Resende ocorreu na tarde do dia 11 de março de 1944, em solenidade que teve início com a entrega da chave da Nova Escola ao seu primeiro comandante, o Coronel Mário Travassos, pelo General Luiz de Sá Affonseca. Após a abertura dos portões, a Escola Militar do Realengo foi declarada extinta.

O primeiro contingente de Cadetes chegou a Resende de trem. Ao desembarcarem, foram recebidos pelo comandante e toda a oficialidade da Escola Militar e, em forma, romperam marcha em direção às instalações da nova escola, sob o aplauso da população local.

Últimos Cadetes da Escola Militar do Realengo e primeiros aspirantes das Agulhas Negras, a “Turma Escola do Realengo” (agosto 45), marcou a modernização do método de formação do oficial do Exército, sem solução de continuidade. (SENA, 2000, p. 153)

Em 23 de abril de 1951, foi assinado um decreto que alterou o nome da Escola Militar de Resende para Academia Militar das Agulhas Negras, que neste ano de 2011, a par de suas históricas tradições, completa 200 anos de fecunda existência.

A Academia Milita das Agulhas Negras (AMAN), herdeira e contiuadora dos mesmos ideais da Academia Real Militar, constitui o seguro alicerce em que se esteia toda a estrutura de formação e aprimoramento do comandante de tropa, em todos os níveis, traduzindo a generosidade, o talento, a sensibilidade, a altivez e a garra da juventude brasileira. (SENA, 2000, p. 153)

A Academia Militar das Agulhas Negras, desde a sua inauguração, em 1944, vem recendo melhoramentos, internos e externos, bem como ampliação de suas instalações, para adequar-se à evolução do ensino e à nova realidade do Brasil no cenário internacional, como as que ocorreram durante a década de 1980, sob a égide do então Ministro do Exército, General Leônidas Pires Gonçalves, visando projetar o Exército brasileiro para o século XXI. O conjunto principal da AMAN sofreu ampliação em 1988, dentro do Projeto FT/90, que dobrou as suas dimensões, principalmente os refeitórios e os alojamentos dos Cadetes, conservando, no entanto, as linhas arquitetônicas originais.

CONCLUSÃO

Ao completar 200 anos de existência, a Academia Militar das Agulhas Negras – AMAN, sucessora da antiga Academia Real Militar e, mais recentemente da Escola Militar do Realengo, celeiro de grandes chefes militares, continua a missão de formar os oficiais do Exército Brasileiro, dentro do espírito de defesa da Pátria, da democracia, de uma mentalidade profissional, permeada pelos valores e tradições de nossa Força Terrestre. Parabéns Academia Militar das Agulhas Negras.

Crédito das Imagens

Acervo da Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Resende. RJ

Os quadros são de autoria de Newton Coutinho.

REFERÊNCIAS

BENTO, Cláudio Moreira. **2010: 200 Anos da Criação da Academia Real Militar à Academia Militar das Agulhas Negras**. Resende, RJ: Academia de História Militar Terrestre do Brasil, 2010.

BENTO, Cláudio Moreira & GIORGIS. Luiz Ernani Caminha. **Escolas Militares de Rio Pardo: 1859-1911**. Porto Alegre, RS: Academia de História Militar Terrestre do Brasil e Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, 2005.

CASTRO, Celso. **O Espírito Militar: um antropólogo na caserna**. Rio de

Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

LINHARES, Maria Yedda (Org.). **História Geral do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1996.

MCCANN, Frank D. **Soldados da Pátria: O Exército Brasileiro de 1889-1937**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MEDEIROS, Laudelino T. **Escola Militar de Porto Alegre**. Porto Alegre, RS: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1992.

OTTA, Jehovah. **A Formação do Oficial do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1998.

PEDROSO, Raul. **Cadetes em Desfile: Escola Militar do Realengo**. Rio de Janeiro: PONGETTI, 1969.

SENA, Davis Ribeiro de. **Exército Brasileiro: Ontem, Hoje, Sempre**. Brasília, DF: MP2 Comunicação, 2000.

SODRE, Nelson Werneck. **História Militar do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1965.

VIANNA, Hélio. **História do Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1980.